



Sessão pela Palestina junta esquerda, direita e Igreja

Filipe Santa-Bárbara

Para mostrar “solidariedade com a Palestina contra o genocídio”, personalidades políticas, das artes e da Igreja juntam-se sexta-feira

Personalidades como a conselheira de Estado Lídia Jorge ou o antigo governante do PSD Bruno Mações vão juntar-se numa sessão pública, em Lisboa, que tem como propósito enviar uma “mensagem clara de solidariedade para com a Palestina” e “contra o genocídio”.

Em declarações ao PÚBLICO, a académica e activista luso-palestiniana Dima Mohammed explica que a ideia passa por “juntar figuras públicas da área da cultura, da Igreja, mas também da política”, numa sessão que visa “mostrar consenso, apesar das diferenças”.

Agendada para sexta-feira às 21h, no Iscte, em Lisboa, são esperadas as presenças da escritora e conselheira de Estado Lídia Jorge, do padre Peter Stilwell, do antigo secretário de Estado do Governo PSD-CDS Bruno Mações, da eurodeputada do PS Ana Catarina Mendes, da líder parlamentar do Livre Isabel Mendes Lopes, da ex-deputada do BE Marisa Matias, do dirigente do PCP Pedro Guerreiro, e da líder do PAN, Inês Sousa Real.

Para Dima Mohammed – que é uma das promotoras da iniciativa – é também importante que esta seja uma mensagem que seja lida no Governo como um pedido de “acção mais firme”, independentemente de o reconhecimento da Palestina já figurar no mapa de acção do executivo.

“Reconhecer o Estado da Palestina é necessário, mas todos nós sabemos que é necessário mais para parar o genocídio, para responsabilizar os criminosos de guerra e para também dar o sinal para a humanidade de que isto não devia ser permitido e deve parar”, defende a investigadora da Universidade Nova de Lisboa.

Independentemente das ideologias de cada um, Dima Mohammed defende que o ponto de partida agora deve ser “muito claro” e de mostrar que “há uma voz unida aqui em Portugal a favor da solidariedade com a Palestina”, a favor da “autodeterminação”, mas também “contra a impunidade israelita”. “Isto é o mínimo básico”, sublinha, defendendo que, como em todos os outros assuntos do mundo, “há discordâncias”, mas que nesta altura é importante ressaltar os “mais básicos direitos humanos”.